

MARIA CONCEIÇÃO GOMES DE OLIVEIRA

GAGUEIRA

1997/II

MARIA CONCEIÇÃO GOMES DE OLIVEIRA

GAGUEIRA

1997/II

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

ma obra sempre indispensável
para o estudo das ciências humanas
de modo geral e da pedagogia
em particular.

REITOR: Hans Jurgen Fernando Dohman

VICE-REITOR: Regina Lugarinho

DECANO: Maria Tereza Fontoura

DIRETORA: Janete de Oliveira Elias

PROFESSORA DISCIPLINA: Gilda Grumbach de Mendonça

PROFESSORA ORIENTADORA: Liana Teresa Rubi ÔCampo

ALUNA: Maria Conceição Gomes de Oliveira

GAGUEIRA: UM DISTÚRBO DA FALA
PARA A INICIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
POR: MARIA CONCEIÇÃO GOMES DE OLIVEIRA

Monografia apresentada em
cumprimento ao requisito
parcial para a conclusão do
Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA

DIRETORIA DE SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

PROFESSORA ALEXSANDRA DE OLIVEIRA

PROFESSORA ALEXSANDRA DE OLIVEIRA

Rio de Janeiro
UNI-RIO
1997

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO (UNI-RIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS (CCH)
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

DECLARAÇÃO

O presente trabalho monográfico sob o título - **GAGUEIRA**, elaborado por **MARIA CONCEIÇÃO GOMES DE OLIVEIRA**, como requisito parcial a obtenção do grau em Licenciatura em Pedagogia, foi avaliado pelos professores abaixo, com suas notas respectivamente discriminadas.

Rio de Janeiro, 05 de dezembro 1997.

JANETE DE OLIVEIRA ELIAS _____

GILDA MARIA GRUMBACH DE MENDONÇA _____

LIANA TERESA RUBI ÓCAMPO _____

DEDICATÓRIA

Dedico essa monografia a ***José Carlos Pacheco Guimarães*** e ao meu filho ***Guilherme Oliveira Guimarães***, que com muito amor, compreensão e colaboração se sacrificaram todos esses anos para que hoje eu pudesse chegar ao término deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as minhas irmãs ***Claudia Gomes de Oliveira*** e ***Ester Oliveira Teixeira*** que sempre me ajudaram em todos os momentos, cada qual a sua maneira, mostraram-me o valor da busca do conhecimento e contribuíram para o término da minha graduação.

Meu irmão ***João Batista de Oliveira***, pelo seu exemplo.

A amiga ***Erika Sales Cabral***, que soube em cada hora, em cada dia, em cada ano, me compreender, me apoiar e me incentivar, para que hoje eu pudesse chegar ao fim do começo de uma nova jornada.

E a todos os mestres e colaboradores, em especial a amiga e diretora ***Janete Oliveira Elias***, que efetivamente participaram na minha graduação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
I - ALGUMAS DEFINIÇÕES DO TERMO GAGUEIRA	11
II - CAUSAS DA GAGUEIRA	14
CAUSA BIOLÓGICA OU PSICOLÓGICA?	16
III - ALGUNS ASPECTOS PSICO-SOCIAIS DA GAGUEIRA .	19
IV - ALGUNS ASPECTOS FÍSICOS DA GAGUEIRA	24
V - ANÁLISE DE DADOS RECOLHIDOS	26
CONCLUSÃO	29
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXOS	32

INTRODUÇÃO

Bordenave evidencia que os homens agem sobre o mundo e o modificam e, simultaneamente, são modificados e transformados: “Os homens agem sobre o mundo e o transformam, e são por sua vez, transformados pelas conseqüências de suas ações”. E, mais diante, ele amplia o conceito sobre a transformação do ser humano, destacando o comportamento verbal. Este observa que este comportamento é aquele que é mediado por outra pessoa, e inclui gestos, sinais, ritos e, obviamente, a linguagem verbal. Assim, pode-se dizer que o homem ao falar transforma o outro e, por sua vez, é transformado pelas conseqüências de sua fala também.

Porém, para uma compreensão mais profunda do comportamento verbal, se torna necessário analisá-lo em um contexto mais amplo, considerando-se o ser humano como manifestação de uma totalidade histórico-social, que toma o homem como produto e produtor da história.

Parte-se do pressuposto de que a linguagem verbal se originou na espécie humana como conseqüência da necessidade de comunicar-se, através da cooperação entre os homens, por meio de atividades produtivas que garantissem a sobrevivência do grupo social. É este sentido que a linguagem, como sendo produto de uma coletividade, reproduz através de significados das palavras articuladas em frases, os conhecimentos, sejam eles falsos ou verdadeiros, os valores associados às práticas sociais que se cristalizam ao longo dos tempos, em outras palavras, a linguagem reproduz uma visão de mundo, que é produto das relações que vem se desenvolvendo a partir do trabalho produtivo, para a sobrevivência do grupo social.

Sob esta perspectiva, qualquer análise da linguagem implica em considerá-la como produto histórico de uma coletividade. Desta forma, a aprendizagem da língua materna insere a criança na história de sua sociedade, fazendo com que ela reproduza, em poucos anos, o processo de hominização pelo qual a humanidade produziu, tornando-a produto e produtora da história de sua sociedade.

Vygotsky sintetiza todo este processo ao afirmar que “uma palavra é um microcosmo da consciência humana”. Daí a importância fundamental que tem a aquisição da língua materna, para a compreensão de qualquer comportamento do ser humano; e esta importância deve ser analisada numa abordagem mais ampla e mais interdisciplinar.

E é neste ponto em que Sílvia Lane diz que a psicologia tem uma contribuição específica no conhecimento deste processo, e que vários autores como Piaget, Vygotsky e outros são concordes em afirmar que uma das funções da linguagem é a comunicação e o intercâmbio social, através do qual o indivíduo representa o mundo que o cerca e o que influencia seu pensamento e suas ações no seu processo de desenvolvimento.

Fica enaltecido diante de toda essa trajetória, e segundo Léslie Piccolotto (1991), que o homem em sua totalidade e por existir no mundo, tem a necessidade de pronunciar seu discurso e o direito de fazê-lo, a fim de compreender e interpretar a si mesmo e ao seu mundo.

Apesar de vários autores afirmarem que a função primordial da linguagem é a comunicação e o intercâmbio social, muitas são as dificuldades enfrentadas pelos que se incluem no grupo dos que se apresentam como maus falantes, em outras palavras, dos que manifestam algum tipo de desordem na fala em relação a fluência.

Por estes fatos, tenho como proposta estudar uma pequena parcela dos indivíduos que não estão incluídos nos rigorosos padrões de comportamento verbal, que a nossa sociedade elaborou. Estudarei sobre os indivíduos que gaguejam, e portanto, freqüentemente, são considerados fora dos padrões verbais, tentando buscar a sua origem e seus implicativos. Estudar a gagueira e exemplificar através de pesquisa de campo, ressaltando aspectos físicos, psicológicos e definições que se relacionar entre os conceitos e os informantes.

Se trata de uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico acompanhado de levantamento de dados em campo, que limitou-se a dois informantes, realizados através de entrevista estruturada com perguntas abertas, seguidas de registro.

As entrevistas não foram mais numerosas devido a restrição do tempo.

Os primeiros capítulos são referentes às abordagens teóricas, finalizando com as discussões dos dados coletados a luz dos referenciais teóricos.

CAPÍTULO I

ALGUMAS DEFINIÇÕES DO TERMO GAGUEIRA

A gagueira é um vasto campo de estudos e pesquisas em todo o mundo, mas ao mesmo tempo constata-se, em cada pesquisador e em cada autor, o reconhecimento de que suas descobertas não são suficientes, e que, a gagueira, não foi ainda compreendida na sua totalidade. Os pesquisadores e autores admitem que as teorias, as definições terapêuticas exploram apenas algum ou alguns aspectos freqüentemente admitidos como importantes, mas que ainda fica a impressão de que o entendimento sobre a gagueira está incompleto.

Meira usa uma metáfora neste sentido que é bastante significativa e pertinente:

“Gagueira é mais que um enigma. É, pelo menos, um quebra-cabeça complicado, multidimensionado, com muitas peças faltando. É também um problema pessoal, social e científico cuja equação ainda não foi completamente estabelecida, um problema que tem muitos lados desconhecidos.”
(MEIRA, 1982:13)

Existe uma multiplicidade de definições, cada uma delas abordando um aspecto ou alguns aspectos da gagueira. Cada definição depende do ponto de vista teórico adotado pelo autor ou pesquisador.

Algumas definições salientam que o aspecto da gagueira pode ser diagnosticada como sendo neurológica, psicológica ou social, outras descrevem a gagueira referindo-se às suas mais freqüentes manifestações. Os autores pesquisados, no entanto, admitem ser impossível definir a gagueira em todos os seus aspectos. Ann Irwin relata que muitos fonoaudiólogos tentaram definir a gagueira, porém, estas definições pecam por serem muito restritas.

Bloodstein é quem, ao se propor definir gagueira, aproximou-se mais do fato da gagueira, sem reduzi-la e sem fragmentá-la:

“Gagueira é uma resposta de tensão e fragmentação na fala, que se desenvolve como resultado de experiências passadas com dificuldades de fala...Gagueira é uma reação de luta antecipatória. Em sua forma clínica, ela apresenta um grau relativamente severo de tensão e fragmentação, que são uma ocorrência comum na fala da criança normal. Ela se desenvolve prontamente em circunstâncias nas quais as pressões têm um grau excepcional de severidade, a vulnerabilidade da criança a estas pressões é excepcionalmente alta, ou as provocações, na forma de comunicação difícil ou falha, tem freqüência e severidade excepcionais, ou são crônicas.”(BLOODSTEIN apud MEIRA, 1983:40)

Esta definição é importante porque revela a influência da avaliação inadequada dos pais e da rotulação indevida do termo gagueira. É neste ponto que Ann Irwin observa que é comum que os pais façam o que julguem ser o melhor para os sus filhos, mas quando percebem alguma modificação na fala deles, começam a dar muita importância ao fato, e, naturalmente, às vezes começam a tentar corrigi-los. Neste momento pode estar se estabelecendo o começo do problema, pois, o que deveria ser considerado uma desfluência verbal normal, passa-se a ter uma importância relevante e acarreta a cristalização da gagueira.

Ísis Meira recolheu várias definições sobre a gagueira, dos profissionais que atuam na área da fonoaudiologia. Através da análise do trabalho da autora, pode-se perceber que os profissionais desta área, ainda tem um conhecimento e uma prática

muito fragmentada do assunto pesquisado. Eles não tratam a gagueira num aspecto totalizador, que englobe os aspectos sociais, psicológicos, biológicos e outros.

Este profissional deixa claro, em sua definição, que a gagueira é um comportamento adquirido e que como qualquer outro comportamento pode ser mudado. Mas de que forma pode ser mudado? Ele explica que é mudado através de um condicionamento que leva o indivíduo, que gagueja, a deslocar a tensão presente na gagueira para outras situações que o distrairiam desta.

“Para mim seriam componentes internos e externos, toda aquela problemática que ele tem de ficar nervoso quando vai falar, de ficar estressado aos outros pressionarem. Tudo isto fica sendo mais importante que a parte externa. Apesar disso, eu cheguei a uma conclusão. O gago não vem te procurar por causa disso. Ele vem pra tirar a parte externa dele, as repetições, os bloqueios. Então, para mim, a gagueira seria a soma destas duas coisas, embora o gago não esteja nem um pouco preocupado com a parte interna. Ele quer realmente ser livre da parte externa. Eu acho que a nossa habilidade geral não está em tirar a externa. Em geral, a gente diminui e melhora muitos conceitos, o modo dele ver a gagueira, o que a gente chama de parte interna, o que é gagueira, como lidar com os sentimentos, mas em relação à parte externa eu acho que nós estamos muito falhos.” (MEIRA, 1983:49)

A observação de gagueira é bem mais abrangente, pois ele não analisa somente o lado externo da gagueira, ou seja, a manifestação audível desta, mas incorpora aspectos que nomeia como internos - os sentimentos - aos aspectos externos, tentando levar o indivíduo que gagueja a um equilíbrio maior ao lidar com a tensão, ou seja, compreender melhor as situações enfrentadas por ele.

CAPÍTULO II

CAUSAS DA GAGUEIRA

Os especialistas que atuam na área da fonoaudiologia têm opiniões diferentes quanto as causas da gagueira. Muitas palavras devem ter sido escritas sobre o assunto, mas, até hoje, não conhecemos a causa ou as causas da gagueira. Segundo Ann Irwin muitas pesquisas foram realizadas, principalmente nos Estados Unidos, e essas pesquisas nos ensinaram muito sobre o que não é a gagueira, mas não tanto sobre o que ela é. Esta autora cita quais são as respostas de adultos com gagueira e de pais de crianças que gaguejam, quando são perguntados sobre a questão da causa de suas gagueiras.

“Quando pergunto a adultos com gagueira, ou a pais de crianças que gaguejam, o que julgam ter sido a causa da gagueira, recebo uma imensa variedade de respostas. Eis algumas delas: “Ele quebrou um termômetro na boca quando tinha dois anos.”; “Ele imitava o pai.”; “Copiava os amigos que gaguejavam.”; “Caiu do carrinho de bebê.”; “Teve sarampo.”; “O sofá pegou fogo.”; “Fui atropelado por um carro.”; “Fiquei perturbado quando quebrei uma janela.”; etc. Entretanto, a resposta mais comum é “Foi quando entrou para a escola.” (IRWIN, 1993: 31)

Este trecho citado acima deixa transparecer como é difícil para os indivíduos que gaguejam, e especialmente para seus pais aceitarem o fato da gagueira ser um comportamento verbal internalizado. E estes, quando são perguntados se esta se instalou, buscam sempre uma resposta que não transmite exatidão e muitas das vezes não apresenta nem logicidade.

Silvia Friedman (1986) afirma que é interessante notar as representações de um sujeito estudado por ela, que faz um movimento de consciência no sentido de, atualmente, considerar a repressão de seu pai como origem de sua gagueira. No entanto, a autora destaca que esta idéia favorece a desmitificação da imagem de si como mau falante e, portanto, a superação da manifestação de uma fala com gagueira.

Esta afirmação de Sílvia Friedman (1986) demonstra que há uma necessidade, seja do indivíduo que gagueja, seja de seus pais, de terem a visão de que precisa se associar a gagueira a algum tipo de fator negativo que o liberte da “culpa” de não falar como a sociedade impõe, ou seja, utilizar de certa fluência verbal - sem interrupções bruscas, sem maneirismos (modos e hábitos na fala), em outras palavras, situações que expressam ansiedade e dificuldade de expressão.

Segundo Ann Irwin (1993), em geral, a gagueira é atribuída a três causas principais:

- neurose
- comportamento adquirido
- causa orgânica.

Esta autora questiona estes três conceitos sobre a causa da gagueira.

Em relação a primeira causa, muitos especialistas, principalmente psicólogos, têm sustentado em suas obras que a gagueira é uma neurose, porém, nota-se que muitas dessas afirmações não são justificadas pelos seus próprios autores. Examinemos os seguintes exemplos: “A causa primária da gagueira é psicológica; os estudos fóbicos impedem o cérebro de controlar adequadamente os órgãos da fala.”; “A gagueira é um sintoma de uma personalidade emocionalmente perturbada. Tem as suas raízes no medo ou em algum conflito emocional profundo.”; “As repetições compulsivas em razão de ansiedade e culpa”; “A gagueira é uma fobia de palavras.”; “A gagueira é uma dificuldade psicológica.”; “A gagueira é uma dificuldade psicológica.”; “A gagueira é uma grande neurose da fala.”

No que se refere ao comportamento adquirido, a autora destaca que todos somos normalmente não-fluentes, em maior ou menor grau, e todos temos tendências a um “hã” ou “hum” e a repetir algumas palavras ou expressões. As crianças aprendem a falar naturalmente, aprendem a falar de uma maneira hesitante, algumas mais que as outras. Acreditam alguns autores que, se esta linguagem hesitante persiste até mais tarde, é porque a criança adquiriu este comportamento ao tomar consciência da gagueira. Se ela julga que vai gaguejar, desenvolve-se um conflito entre o desejo de falar e o desejo de evitar a gagueira. Afirma-se que a satisfação que as pessoas sentem quando finalmente conseguem emitir a palavra,

reforça a gagueira e faz com que as pessoas continuem a gaguejar, inconscientemente, para repetir esta satisfação.

Sobre a causa orgânica, Irwin salienta que o termo orgânica indica que está relativo ao organismo e que tem o caráter de um desenvolvimento natural, inato e arraigado profundamente. Atualmente, os que sustentam esta teoria, em geral, acreditam que o cérebro, de algum modo, é o responsável, por ser o centro da sensibilidade consciente e dos movimentos voluntários. No entanto, no passado, atribuía-se a responsabilidade a todos os tipos de órgãos.

Neste século, muito se tem especulado sobre a responsabilidade do sistema nervoso central da gagueira, especialmente no sentido de que pode ser que haja alguma irregularidade das integrações da parte do sistema nervoso central utilizado pela fala.

Estas três definições sobre a causa da gagueira, segundo a autora, são ineficazes, pois revelam somente alguns aspectos, ou seja, aqueles que circundam a causa defendida por cada autor, não abrangendo a gagueira de uma forma global.

O que na verdade podemos perceber é que não existe uma causa definitiva para a gagueira, até porque existem vários indivíduos que gaguejam, e as causas, conseqüentemente, são diferentes umas das outras, pois como já sabemos, nenhuma gagueira é igual a outra.

Os estudos feitos por Friedman (1986) mostram que o desconhecimento das causas do surgimento da gagueira nos faz acreditar primeiramente no processo do pensamento e linguagem, enquanto desenvolvimento inerente a todo ser humano, bem como, seguidamente, traduzir o interesse em estudar todos os fatores exteriores que envolvem o ser falante, propiciando, desta forma, o agravamento ou o desencadeamento da gagueira.

GAGUEIRA - CAUSA BIOLÓGICA OU PSICOLÓGICA?

Afirmar que a gagueira é um fato parece ser, para os estudiosos do assunto, lugar comum, porém, a maneira de desenvolver ações, tratamento, por parte dos que lidam com a criança, é que produzirá grandes efeitos (positivos e negativos) sobre o desempenho dessa criança.

Segundo Friedman, esse modo de perceber a gagueira como fruto de uma não-aceitação da mesma, por razões ideologicamente imposta pela sociedade, através do cultivo do que é belo e perfeito, enfoca o produto, mas não percebe o seu

processo de produção. Na visão da autora, o falante é isolado do seu contexto de vida, sobrando a luta para manter as aparências de sua manifestação oral. Relegase, assim, a oportunidade de conviver de forma adequada com a sua forma de expressar.

Essa perspectiva está centrada na noção de olhar a pessoa que gagueja em oposição àqueles que se comunicam, seguindo um padrão médio ou normal de fluência verbal.

Dessa discriminação, em relação ao falante, geralmente surgem poucas oportunidades para que o indivíduo disfêmico possa diminuir mais sua dificuldade na fala.

São nos períodos relacionados com a primeira infância que ocorrem a maioria dessas relações paradoxais. Estas ações se cristalizam pela não-aceitação da forma de falar apresentada pela criança, sem que sejam mostrados caminhos para minimizar tal dificuldade, ou encaminhar a situação a um desenvolvimento positivo.

Assim, tais ações podem ser introjetadas ao pensamento (consciência) da criança, de tal forma e intensidade, que o movimento de consciência produza cada vez mais a manifestação da gagueira, sem que a criança possa se defender, causando-lhe contínuos danos.

Autores enfatizam não só os danos causados à criança pelo destaque dado a sua manifestação da gagueira, como também acrescentam o poder destrutivo que esta idealização de si, como sujeito mal falante, traz ao desenvolvimento da criança diante de todo o seu processo de vida e relacionamentos.

A criança precisa e tem direito de se comunicar, segundo Léslie Piccolotto. Contudo, mesmo nos momentos em que está apresentando a gagueira, ela tenta se comunicar, sendo reparada ou repreendida, conseqüentemente, uma tensão interior será gerada e quando a necessidade de falar surgir (e surgirá, pois ela estará em pleno desenvolvimento), a manifestação da gagueira virá a tona, cada vez que se pronunciar, em diferentes graus.

Segundo os autores pesquisados, o desenvolvimento e a fixação da gagueira como tal, é presente e viável, com quaisquer pressupostos de origem biológica, social e/ou psicológica.

Porém, não é enganoso esclarecer que a gagueira também pode ser desenvolvida e consolidada pelo meio, caso se os participantes não compreendam que, pelo fato da criança estar manifestando a gagueira, algo de construtivo, harmonioso e consciente precisa ser feito, e não serão os atos de repreensão, de

deboches ou de discriminação que farão a gagueira estacionar-se, reduzir-se ou reverter-se na criança. Pelo contrário, estes atos só propiciarão a uma fonte de negação dela, enquanto falante, sendo criados obstáculos para o alcance da fluência (em oposição a desfluência).

Ao concluir a gagueira e a sua origem, torna-se necessário abordar que é imprescindível reafirmar que ela se constitui num fato que pode ocorrer na vida de muitas crianças, jovens e adultos, independente da cor, raça, sexo ou classe social na qual o indivíduo está inserido.

E cabe ressaltar que a gagueira é um distúrbio da comunicação que pode manifestar-se sem que se localize a sua origem. Esta é uma das razões pelas quais muitos autores ainda não podem garantir a sua procedência. Sabe-se que ela inicia-se na infância, nas primeiras relações de comunicação, e pode se consolidar por toda a vida do indivíduo.

Os autores afirmam que consideram o fator emocional, como mola propulsora para desencadear ainda mais o processo do desenvolvimento do distúrbio. Entretanto, alguns deles não desvinculam a parte biológica do processo, salientando, desta forma, a necessidade de terapia e cuidados específicos que evitem o desenvolvimento e a solidificação deste distúrbio.

Os cuidados e terapias precisam se basear na compreensão da gagueira em toda sua totalidade, não encobrindo-a ou negando-a em sua manifestação, mas sim, aceitando-a e trabalhando-a conscientemente em todo o seu contexto.

Sendo assim, para se trabalhar com a gagueira, deve-se primeiramente ter uma atitude de aceitação quanto a ela, tanto no universo familiar quanto na escola.

CAPÍTULO III

ALGUNS ASPECTOS PSICO-SOCIAIS DA GAGUEIRA

Neste capítulo, se faz necessário utilizar a criança como referencial, pois é na infância que os aspectos psicológicos são instalados e tendem a se autoperpetuar.

Para elucidar o parágrafo acima, torna-se interessante relatar uma história que Irwin faz referência em seu livro:

“Imaginemos o caso de um menino chamado Timothy, de três anos de idade. Sua fala desenvolver-se normalmente; ele já consegue formar frases completas e falar com tanta fluência quanto qualquer outra criança, há mais de um ano. É perspicaz e inteligente. O seu desenvolvimento é tão rápido quanto o das crianças de sua idade; vive novas experiências a cada instante da sua vida. Esta tem-lhe reservado muitas surpresas porque ele aprende muitas coisas, muito rapidamente. Até a semana passada só conseguia andar de bicicleta com rodinhas; ontem pôde dispensá-las... Entretanto, a sua fala é um processo inconsciente, ele não tem de pensar nela; ela flui normalmente. Se ele tivesse consciência da sua fala, mas não tem, teria percebido que todas as pessoas, principalmente as crianças pequenas, hesitam enquanto falam. Nesse determinado dia, Timothy hesita um pouco mais do que o normal e com alguma tensão. É claro que ele, ao contrário de sua mãe, não o percebe. Talvez não tenha sido nada, mas provavelmente seja melhor que ela o observe com cuidado no dia seguinte, para que tenha certeza de que tudo está bem. No outro dia, a mãe se esquece de tudo, até a hora em que Timothy apresenta um leve sinal de tensão em uma de suas palavras. Ela, então, se lembra da tensão da véspera. Está um tanto preocupada, mas espera que tudo se resolva logo. Ficará observando o menino por uns meses para ver o que acontece.”

Bem, após alguns meses, a tensão persiste e está pior ainda. Agora, ela tem certeza de que Timothy tem uma gagueira. Que providência tomar? Evidentemente, convencê-lo a “parar com isso”; que mais poderia tentar? Então, quando ele gagueja, ela lhe diz: “Não tenha pressa”, “Respire fundo antes de falar”, ou “Por que você está falando assim?”. Timothy não havia percebido que estava fazendo alguma coisa diferente até que sua mãe lhe despertasse a atenção. Agora, quando gagueja um pouquinho e a mãe faz algum comentário, ou se mostra preocupada, ele também começa a tomar consciência da sua gagueira. Quanto mais ela se preocupa, mais ele se preocupa. Tenta então não “fazer isso”. Quanto mais tenta, mais “isso” piora. Ele tem de “fazer isso”, porque isto existe, mas não pode fazê-lo porque deseja que a sua fala seja agradável aos pais; quer a aprovação deles. Esse é o conflito. Aí está o início de uma verdadeira gagueira para Timothy que, agora, poderá nunca mais sentir os prazeres de uma comunicação fluente.”(IRWIN, 1993: 14-15)

Os estudos sobre o assunto têm demonstrado que a incidência da gagueira norteia duas fases mais propícias, que podem ser chamadas de críticas. São elas: a fase dos três anos de idade, fase esta que a criança começa a expressar sua linguagem de forma mais organizada e, conseqüentemente, utilizá-la no diálogo com outras pessoas, e a fase do início da escolaridade formal, aproximadamente aos seis anos de idade.

Para melhor explicar sobre o parágrafo acima, é necessário enfatizar que a gagueira, como qualquer outro fenômeno da linguagem, possui certas características que se englobam a cada fase do desenvolvimento da criança, diante de sua vida e de suas relações de comunicação.

Segundo Irwin (1993), a primeira fase desse fenômeno, inicia-se entre dois e três anos de idade. Para ele, tal distúrbio pode ser periódico, em outras palavras, a criança pode ter períodos de grande facilidade na fala. É principalmente nesta fase que os pais ou responsáveis devem se conscientizar quanto a seus papéis de estimuladores do crescimento dessa criança, esforçando-se para não estigmatizar ou ressaltar qualquer dificuldade manifestada na fala de seus filhos, pois esse período possibilita grande chance de uma recuperação espontânea.

Nesse contexto de vida, possuindo ou não um ambiente estimulador ou de aceitação, a criança gagueja quando quer falar muita coisa de uma só vez, ou quando aparenta excitação, aborrecimento ou tensão.

Ainda nessa fase da vida da criança, salienta-se a idéia de que elas não se preocupam com a gagueira. Isso freqüentemente ocorre pelo fato de suas repetições ainda serem totalmente conscientes, porém, na medida em que as frustrações, estigmas e indignações vão surgindo quanto a sua forma de falar, elas começam a reagir por não conseguirem se comunicar de acordo com o padrão de fala exigido pelo contexto social.

A segunda fase para Irwin (1993), situa-se na faixa dos quatro anos, nesse período as incidências começam a trazer consigo vestígios da fase interior, não muito entendida, pois nota-se poucos períodos de fluência e a criança gagueja com bastante freqüência. O referido autor ressalta que, nesta época, a criança já se percebe como gaga e começa a formar uma opinião negativa sobre si mesma, o que freqüentemente acarreta um aumento na gagueira, principalmente nos momentos de excitação interior, provocada por alguma situação exterior de vida e de comunicação.

A terceira fase, para o autor, corresponde a dos seis anos em diante, período em que a gagueira, ainda sob leve e remediável incidência, poderá estar desencadeando situações sociais propícias para a instauração de uma gagueira crônica. Estas situações podem ser exemplificadas por comportamentos do tipo: medo das palavras, dos sons, "truques" de linguagem, evitação de situações de comunicação e tensão. Tais comportamentos podem levar o indivíduo a se tornar cada vez mais sensível perante às situações de comunicação inerentes e imprescindíveis à vida cotidiana.

Desta forma, pode-se evidenciar que as reações psíquicas, geradas pelo ambiente e pelas relações de vida, possuem forte poder influenciador sobre os atos da fala.

Entretanto, não é enganoso acrescentar que estas relações de vida cotidiana, tanto no lar, quanto na escola, ocorrerão de forma que haja apenas mínimos prejuízos àqueles que nela circundam, o caminho parece ser mais propício a certas reações psíquicas que possam vir a interferir adequadamente na condição essencial da troca humana.

Por outro lado, quando nesse meio instalam-se castigos, deboches, comportamentos punitivos, acarretando na criança certa vergonha e medo de falar,

há grandes chances de aumentar essas reações psíquicas, impeditivas do pleno desenvolvimento e, cada vez mais, enveredadas à vida sócio-afetiva da criança. Esta acaba por ficar temerosamente influenciada pelo medo de falar, o que pode aumentar, de forma vertiginosa, a sua dificuldade de expressar-se em um patamar bem elevado. Esse ambiente facilita o desenvolvimento de grande timidez, solidão interior e reservas no que tange a necessidade de se expressar verbalmente.

Assim, sujeitar a todos esses sentimentos de inferioridade, envergonhada de sua fala, a criança acaba adotando uma atitude anti-social, e que, sem dúvida, acarreta problemas familiares intensos, bem como no convívio social, necessário a seu contínuo e pleno desenvolvimento.

Esta é uma razão para se afirmar que o papel do meio é valioso. Se o ambiente em que a criança gaga vive é ansioso, tenso e intolerante, provavelmente interferirá nesta criança em muitas etapas de sua vida.

Por conseguinte, se faz importante caracterizar algumas noções de grande valor sobre as primeiras instâncias de contatos sociais para a criança. Por ordem, tem-se a família. Vale dizer que esta, ao adotar um comportamento de limitar a liberdade, ansiedade ou raiva, frente as particularidades da fala da criança, pode propiciar a esta um estado de desarmonia e, conseqüentemente, o aumento de sua dificuldade para expressar-se por meio da fala.

De fato, o meio familiar tem um papel fundamental para a estabilidade emocional da criança em muitos sentidos, mas, principalmente, em relação ao seu posicionamento e sua comunicação com o mundo. Famílias que assumem posturas severas em relação as primeiras hesitações ao falar da criança, onde não 'há aceitação e ansiedade dos familiares, só trazem a esta criança uma maior dificuldade na forma de se expressar verbalmente.

Com relação a todos estes aspectos psicológicos abordados acima, vale lembrar, ao se fazer uma análise, que é possível perceber que todos eles são marcantes, e podem se perpetuar na vida dos indivíduos que gaguejam.

É conveniente ressaltar que muitas crianças e adultos gogos não se incomodam ou parecem não se incomodar com a sua gagueira. E daí, é necessário que as pessoas, que participam do seu meio, tenham sensibilidade de não ressaltar tal situação. Estas pessoas podem evoluir sem maiores danos ao seu comportamento e ao seu desenvolvimento da linguagem e personalidade. Outras, por sofrerem com as cobranças, provenientes daqueles que participam das situações de vida com elas, precocemente tomam consciência do problema e desenvolvem-se exacerbando a dificuldade.

Friedman (1986) traduz de forma veemente que diante das realizações de vida e, conseqüentemente, das relações interpessoais, a construção de si como mau falante exerce grande influência para a consolidação da gagueira.

Freqüentemente, o falante é exposto à situações de vida cotidiana que exigem um “falar com fluência”. Este, neste momento, se utiliza dos aspectos físicos para camuflar a sua gagueira. Na verdade, este “falar com fluência”, para os entrevistados, é fazer uso de mecanismos de defesa, os quais eles empregam muitas vezes, até sem perceberem que estão empregando, como por exemplo: a substituição de palavras com as quais eles sabem que irão gaguejar.

Entretanto, quando este “falar com fluência” não ocorre, alia-se a isso pressões exercidas pelos pais e/ou familiares que o induzem a falar correta e pausadamente. Vendo-se reconhecido pelo meio social, como pessoa que gagueja, tal condição passa a se constituir como verdade, propiciando o fortalecimento da gagueira já instalada.

Outro aspecto muito ressaltado por Friedman (1986) consiste na idéia do indivíduo sentir-se gago em algumas situações e fluente em outras, duas práticas que claramente dependem de suas relações com o meio e com as situações de vida nas quais está inserido.

O primeiro ponto de ligação desta idéia consiste na noção de identidade e no modo em que se apresenta na vida cotidiana, sendo aceita ou não. O segundo, liga-se ao desempenho de um papel de negação dessa personalidade, dessa identidade e, logicamente, de sua fala, adotando comportamentos que não são os seus, e utilizando mecanismos de defesa, provavelmente devido a medo, vergonha e tensão, gerados pelo meio social ao qual pertence.

A escola precisa entender a relação do indivíduo com o mundo não se dá somente por via verbal. Ele estabelece relações utilizando as diferentes formas de linguagem. A partir daí, vemos que a leitura não deve ser só decodificação, como também reflexão e compreensão. E a linguagem não deve ser restrita a escrita, pois a mesma pode ser:

- linguagem verbal- pode ser expressa nas modalidades: escrita e verbal.
- linguagem não verbal - se expressa através de gestos, desenhos, mímica, música, etc.

Na verdade temos que “abrir a sala de aula para outras linguagens”, só assim é possível crer que o aluno compreenda que não é somente através da escrita que se aprende a ler e escrever, e que a linguagem verbal não é a única forma de comunicação.

CAPÍTULO IV

ALGUNS ASPECTOS FÍSICOS DA GAGUEIRA

Ann Irwin (1993) dedica um capítulo do seu livro aos aspectos físicos que a gagueira apresenta, destacando que a gagueira não deve ser medida pelo nível de audibilidade, mas sim, pelo emprego de força que a pessoa desprende para não gaguejar. Essa é uma das razões pelas quais pode-se dizer que além da tensão embutida nesta ação, há também a tentativa de disfarçar a existência de uma fala com dificuldade, onde ressalta-se e produz-se o ato de gaguejar.

Ela menciona que os portadores de uma gagueira instalada e avançada apresentam uma grande variedade de sintomas físicos, e refere-se a alguns destes que são característicos no comportamento dos indivíduos gagos.

“Tensão (ou extrema tensão) na repetição dos sons; tensão (ou extrema tensão) nos prolongamentos de sons. Bloqueios totais com a voz: ao nível dos lábios (como em /b/); e com a ponta da língua atrás dos dentes frontais (como em /d/); com a parte posterior da língua contra o palato mole (como em /g/); ao nível da laringe (isto é, das cordas vocais). Bloqueios totais, mas sem a voz, em todos os níveis citados com os fonemas; e falar durante a inspiração.” (IRWIN, 1993:19)

Na literatura examinada sobre o tema, os estudiosos realçam que estes sintomas físicos dos indivíduos que gaguejam, de uma forma geral, são de origem psicológica, mas acabam desencadeando uma série de aspectos físicos, como por exemplo: o piscar de olhos, o gesticular das mãos e outros movimentos associados no momento da fala.

A estes aspectos, estão relacionados os desvios da fala normal que talvez nunca tivessem transformado em componentes da gagueira, se estas pessoas não tivessem tentado parar de gaguejar. E este parar de gaguejar não se inclui no aspecto físico, e sim, no aspecto psicológico que a gagueira manifesta.

Segundo a autora já referida, à gagueira estão geralmente associados a outros sinais físicos de grande esforço, como por exemplo: fungações, dilatações nasais, umedecimento dos lábios, tremores labiais, arregalar dos olhos, fechamento dos olhos, desvio do olhar, sacudidas de cabeça para frente e para trás, aperto das mãos, pancadas no joelho com as mãos, torção dos pés, bater os pés no chão, suores, alterações respiratórias, etc.

Esses aspectos físicos surgem, com frequência, porque os sujeitos tentam veementemente parar de gaguejar e o parar de gaguejar se inclui no aspecto psicológico, que por sua vez, acarreta alterações no campo físico.

Friedman (1986) enfatiza que o indivíduo que gagueja, quando percebe que não vai conseguir falar a próxima palavra, pode piscar fortemente os olhos, se utilizar de expressões como “é que”, respirar fazendo ruídos - fungando e, a seguir, pronunciar a palavra que anteriormente não conseguiu dizê-la. Por este ponto de vista, o aspecto físico passa a ser um “truque” e deixa entrever que a dificuldade não se localiza de fato na fala, uma vez que o piscar não está relacionado com os movimentos articulatórios. Além disso, a expressão “é que” foi uma articulação possível no dado momento, em que não pôde dizer a palavra desejada.

A autora, então, expõe que os truques assemelham-se aos fetiches, e, por isso, passam a ser internalizados como elementos de adoração e dependência, que podem desencadear a fluência verbal e evitar a gagueira. Entretanto, o indivíduo não vê o próprio truque, onde este passa a ser objeto de adoração com o objetivo de não ver que o próprio truque pode ser um fator essencial para a manifestação da gagueira.

Fortalecendo a idéia do aspecto físico ser um truque, ainda pode-se argumentar que ao gravar um discurso de um indivíduo que manifesta a gagueira, e fazer uma análise fonética, se observará que todos os sons, num dado momento, apresentam certa dificuldade na emissão, e, em outros momentos, aparecem sem dificuldade alguma. Vale salientar que neste caso, deve-se observar também o grau de tensão que este indivíduo pode apresentar no momento da gravação.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DE DADOS RECOLHIDOS

Neste estudo, os entrevistados (Anexos 1 e 2) deram depoimentos que constataam a preocupação de seus pais e familiares em corrigi-los em suas variadas formas de falar. Seus pais diziam, e dizem a té hoje, palavras com as quais eles acham que “poderiam” ajudar a seus filhos a parar de gaguejarem, frases do tipo: “Não tenha pressa”, “Respire fundo antes de falar”, “Fale devagar” e “Pense antes de falar”. Não é difícil constatar que frases como estas levam a criança e/ou indivíduo, que possui desfluência, a uma tensão maior que provavelmente os conduzirá a gaguejar.

A definição se relaciona em alguns aspectos dos indivíduos que gaguejam e que foram entrevistados para este trabalho. Quando este autor se refere a tensão, demonstra que esta resposta se assemelha às respostas dadas pelos entrevistados, que dizem que quando gaguejam, estão diante de situações que trazem nervosismo, e acarretam a desfluência verbal. Por sua vez tal desfluência intensifica-se, provocando a fragmentação das palavras.

“O indivíduo gago pode ser definido como uma pessoa que mostra, num grau que o coloca diferente do restante da população, um ou mais dos seguintes grupos de sintomas: bloqueios, perseverações, caretas, esforços, repetições, prolongamentos e outras quebras de ritmo ou de interrupções no fluxo da fala; também apresenta medo ou antecipação dos bloqueios, medo de sua inabilidade para falar ou sintomas relacionados à antecipações de palavras e situações que apresentam um autoconceito, que inclui a sua autoimagem como um gago.”(SHEEHAN apud MEIRA, 1983:22)

Esta definição do indivíduo gago nos mostra, e deixa claro, como estas pessoas tem formas, com as quais se utilizam todo o tempo que precisam estar falando, pois estes necessitam de alguma forma se livrarem ou amenizarem a gagueira. Nestes momentos eles carecem fazer uso dos mecanismos de defesa que eles dispõem. Para os dois entrevistados, a gagueira é vista como um incômodo, uma preocupação, uma barreira social, mas ambos têm consciência da autoimagem de ser um gago e demonstram ansiedade e uma certa aversão por serem gagos.

Um dos entrevistados para o trabalho desta monografia diz que já realizou três terapias, com algum intervalo de tempo entre elas (a primeira foi quando tinha 6/7 anos, a segunda foi quando tinha 8 anos e a terceira quando tinha 16 anos), e que elas se apoiavam na mesma teoria que o profissional acima descreveu. Ele afirma que ficou “curado” de sua gagueira por algum tempo. Entretanto, após o término de cada trabalho terapêutico, a gagueira voltava a se manifestar com maior intensidade. No relato deste entrevistado, este diz que quando deseja realmente não ser gago, ou seja, em situações nas quais a tensão está muito presente, e ele tenta não gaguejar, o que acontece é que acaba gaguejando ainda mais do que já o faz em seu estado normal. Corroborando com a idéia de vários autores, tem-se a conclusão de que o condicionamento pode até funcionar, mas somente por algum tempo, não tendo o indivíduo que gagueja a cura para o seu problema.

Em face ao que já foi pré-citado sobre as definições da gagueira, constata-se que o que já foi escrito no início deste capítulo: que a gagueira ainda não pôde ser compreendida em sua totalidade e que o conhecimento desta ainda está incompleto. Nos faz indicar que há ainda um longo caminho a ser percorrido na tentativa de uma “cura”, para os indivíduos que gaguejam.

Para ilustrar um dos aspectos físicos salientados acima, transcrevo em anexo o relato do entrevistado José que, em sua narração, registra que as palavras que começam com os fonemas /b/ de bola, /p/ de papai e /t/ de teto geram uma dificuldade maior quando se localizam no início de frases.

Os sujeitos gagos que foram entrevistados, também apresentam alterações nos aspectos físicos quando sentem que vão gaguejar. O entrevistado Paulo demonstra um fechamento de olhos quando está gaguejando e, também, gesticula muito com as mãos, como se estas falassem por si só, ou ainda como se isso o ajudasse no complemento de suas palavras. Já José, o outro entrevistado, torce os lábios e as vezes apresenta alterações respiratórias que comprometem ainda mais a sua fala.

Partindo de um ponto de vista mais particular, ou seja, da análise dos discursos dos dois indivíduos gagos (Paulo e José), pude observar e analisar, que estes aspectos físicos, “truques” ou até fetiches, servem em sua maioria como

mecanismos de defesa, no qual o indivíduo, consciente ou não, utiliza para amenizar e/ou derrotar a sua dificuldade na fala. Assim, tomam atitudes e adquirem hábitos que possam reduzir a ansiedade, mesmo que de uma forma transitória, pois o mais importante é não se apresentar como um gago.

Um dos entrevistados para o trabalho, ao responder o que causou a gagueira, diz que seu problema na fala pode ter começado quando seus pais decidiram mudar de estado e voltar para o Rio de Janeiro. E que quando retornaram, foram morar na casa dos tios, e que estes não davam liberdade para seus pais os criarem de acordo com suas expectativas (José e o irmão). Ele ainda acrescenta que os seus primeiros anos de vida foram com muitas pressões de sua tia, onde sempre era muito maltratado por esta. Ele relata que esses fatores podem ter influenciado em seu mundo de falar.

CONCLUSÃO

No decorrer deste estudo foi oportuno verificar que os indivíduos gagos possuem suas limitações ocasionadas pela sua dificuldade na fala, mas quando estimulados pela família e recebendo adequada educação poderá se tornar um cidadão atuante e integrado socialmente.

Pode se afirmar que o mais importante para a educação da criança disfêmica é aceitar suas limitações, oportunizando-lhe experiências na utilização da sua linguagem verbal em várias situações e principalmente onde elas apresentem maior dificuldades.

Conforme o estudo relatado a dificuldade dos gagos , pode estar centrada em causas biológicas, psicológicas e sociais, por isso se faz necessário analisa-lo em um contexto mais amplo, levando em consideração que o ser humano faz parte de uma totalidade histórico-sócial que o torna produto e produtor de sua própria história.

Outro fator que podemos ressaltar de fundamental importância é o meio onde vive e como é tratado o gago, pois tem grande influência para sua estabilidade emocional em relação ao seu posicionamento com o mundo, e certamente interferirá como um fator marcante em muitas etapas ao longo de sua vida.

As pressões exercidas pelos pais e familiares que cobram insistentemente por uma fala correta pode contribuir para o fortalecimento da gagueira já instalada.

Diante do que acabamos de expor e tendo em vista o resultado das entrevistas, podemos dizer que geralmente o gago tem grande dificuldade de aceitar a sua condição, em virtude da cobrança social.

Percebemos que eles tentam esconder o problema, e vêem a gagueira como um incômodo, uma barreira social, usam vários mecanismos de defesa afim de não demonstrar a sua gagueira, o que traz uma situação desconfortável.

Corroborando com as idéias de vários autores em estudo; mostra que esse condicionamento pode até funcionar, mas por pouco tempo, não dando a um indivíduo que gagueja a solução para seu problema.

O indivíduo gago ou qualquer outra deficiência foi, e será, por muito tempo ainda uma pessoa segregada de certo modo alijada do que a sociedade tem de bom, construtivo ou saudável. A razão é simples: o ser humano tem uma incapacidade de lidar com uma deficiência seja ela de que natureza for, pois, essas mesmas deficiências lembram quanto o ele mesmo é frágil e perene.

A postura clássica e tradicional tem sido a de colocar esses indivíduos à parte, a margem da sociedade, afastá-los o mais possível, cometer um tipo de agressão, física ou emocional. Como se fosse uma rejeição, refiromos a recusa de certos pais ajudarem seus filhos, mantendo-os em casa, subtraindo-os a um atendimento especializado ou por parte do governo com a não alocação de recursos para a educação, afim de ajudar esses indivíduos.

Na verdade percebemos que não existe uma causa definitiva para gagueira, pois nenhuma gagueira é igual a outra. Em face do que já foi colocado sobre as definições da gagueira podemos dizer que a mesma não pode ser compreendida em sua totalidade e que o seu conhecimento ainda está por demais incompleto. Fica para nós um indicativo que há ainda um longo caminho a ser trilhado em busca da cura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADEADOS, Isabel. Orientação Infantil. Rio de Janeiro: Vozes.
- BORDENAVE, Juan Dias. O que é a comunicação? 11a. edição, São Paulo: Brasiliense.
- FRIEDMAN, Silvia. Gagueira: origem e tratamento. São Paulo: Summus, 1986.
- IRWIN, Ann. Gagueira - uma ajuda prática em qualquer idade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ISSLER, Solange. Articulação e linguagem. Rio de Janeiro: Antares, 1983.
- LANE, Sílvia. O que é a psicologia social? São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MEIRA, Ísis. Gagueira - do fato para o fenômeno. São Paulo: Cortez, 1986.
- YAVAS, Hernandorena. Avaliação fonológica da criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ANEXOS

ENTREVISTAS ESTRUTURADAS COM PERGUNTAS ABERTAS

ENTREVISTA I

ENTREVISTADO: José da Silva Costa
IDADE: 28 anos
PROFISSÃO: Vendedor
GRAU DE INSTRUÇÃO: 3o. grau incompleto - Estatística
OCUPAÇÃO ATUAL: Assistente de Vendas
ESTADO CIVIL: Solteiro

1) Quais as palavras que você tem maior dificuldade de falar?

R.: São as palavras que começam com /b/ de bola, /p/ de papai, /t/ de teto. As palavras começadas por estes fonemas me geram certas dificuldades, quando vou iniciá-las.

2) Existe alguma palavra na qual você sabe que vai gaguejar?

R.: Existe sempre algumas palavras que me geram maior dificuldade. A própria palavra "palavra" me traz um pouco mais de dificuldade para falá-la, pois começa com /p/.

3) Em que situações a sua dificuldade na fala se apresenta com maior frequência?

R.: Geralmente quando eu fico nervoso, tenho uma tendência a piorar a minha fluência verbal, mas eu sinto que piora pouco.

4) Você já fez algum tratamento terapêutico, visando esta dificuldade na fala?

R.: Já fiz três vezes e nas três vezes eu recebi alta.

5) Fale um pouco sobre cada tratamento em que realizou.

R.: O primeiro, eu fiz quando era criança (5/6 anos) com a tia Sheila. Ele era baseado em formação de palavras, onde eu tinha que buscar a melhor forma de expressar as palavras.

O segundo foi com a Márcia. Era no mesmo estilo do primeiro, porém eu tinha uma idade mais avançada e já sabia ler e escrever corretamente. Ele se baseava em técnicas de relaxamento e num trabalho visando a minha articulação bucal.

O terceiro tratamento foi novamente com a Sheila, onde nós repetíamos quase os mesmos métodos do primeiro.

6) Você acha que eles foram importantes para você?

R.: Na realidade, eu acho que sim. Havia momentos onde eu sentia que fiquei bom, mas com o tempo a gagueira voltava, como hoje ainda sou gago. Avaliando num aspecto geral, acho que não, pois não fiquei curado.

7) Para você, o que significa o termo gagueira?

R.: Gagueira, para mim é quando a pessoa fala e não tem uma dicção correta.

8) Quando você acha que começou a sua dificuldade na fala?

R.: Começou quando eu era criança. Se teve algum motivo especial, eu não sei. Talvez possa ter havido alguma influência na gravidez da minha mãe (gestação do José), pois, foi num período de grandes mudanças para a minha família, onde meus pais decidiram mudar para um outro Estado.

9) Como foram seus primeiros anos de vida?

R.: Os meus primeiros anos de vida aqui no Rio de Janeiro, foram com muitas pressões. Meus pais tiveram que ir morar com meus tios. E eles não tinham liberdade que queriam ter para nos criar (eu e meu irmão). Minha tia me batia e isso deixava minha preocupada e nervosa. Eu acho que todos esses aspectos podem ter sido influenciados na minha gagueira.

10) Como era o comportamento de seus familiares no começo de sua gagueira?

R.: Numa visão geral, meus familiares viram a minha gagueira de uma forma positiva. Na realidade, eu não lembro muito bem, pois era criança. Mas, eu acho que nunca sofri nenhuma discriminação por parte dos meus familiares.

11) E em relação à seus pais, houve alguma pressão ou preocupação especial com o seu modo de falar?

R.: Ah, sim. Meus pais sempre ficavam e ficam até hoje preocupados tentando me corrigir: José, não fala assim, é assim que se deve falar. Respire fundo. Fale pausadamente.

12) Você se utiliza de alguma forma de algum tipo de elemento para se livrar da gagueira?

R.: Sim. Nesses anos de terapia, a gente aprende algumas técnicas: como pensar em outra coisa e ficar falando o que seja o assunto do momento; usar a técnica dos dedos, fazendo ritmos com os dedos em cima da perna, da mesa, da cadeira, pois, enquanto você vai falando isso acaba fazendo com que não gagueje. Num exemplo de cem palavras, em duas você tropeça.

13) Você acha que isso é importante para você?

R.: Dependendo do que eu esteja fazendo é importante. Um exemplo: numa entrevista para um emprego, naquele momento não ser gago é o mais importante. Não é o que eu queria para mim. Eu queria falar normalmente.

14) Você utiliza de outras técnicas?

R.: Não. O que as vezes eu uso é quando vou falar e sinto que vou gaguejar, eu respiro fundo e falo mais pausadamente.

15) Existe algum tipo de situação na qual você não gagueja?

R.: Tem. Quando eu me condiciono, quando penso que vou falar certas palavras sem gaguejar, eu realmente consigo falar sem tropeços.

16) Quando você canta, com amigos, existe alguma situação na qual você não gagueja pela não-preocupação (sem condicionamento)?

R.: Não. O estar cantando também seria um tipo de técnica que o gago usaria para não gaguejar, só que nós não vivemos cantando. Todo o gago quando canta não gagueja. Isto é explicado pelo fato dele estar preocupado com a melodia e o ritmo da música, por isso a gagueira fica em segundo plano. Agora, quando estou com amigos e até mesmo no trabalho, não me considero um gago, então eu falo normalmente.

17) Mas você gagueja?

R.: Ah, com certeza!

18) É por que você não se preocupa em não gaguejar?

R.: Eu não me preocupo mesmo em não gaguejar.

19) Você acha que a gagueira de uma pessoa é diferente da gagueira de outra pessoa?

R.: Completamente. Na minha gagueira, eu além de ser gago, não termino as palavras, elas saem truncadas. Não sei se isto é um problema de articulação. Mas cada gagueira é diferente da outra, isto com certeza.

20) Na sua infância existiu algum fato que o marcou profundamente?

R.: Não, que eu saiba ou lembre.

21) O que você sente quando gagueja?

R.: Eu não gosto de gaguejar. Eu sinto vontade de falar normal como falam as pessoas, especialmente em certas ocasiões em que esforço para não gaguejar e acabo gaguejando. Vergonha? Não sei. Eu sempre disse que não sentia vergonha, na verdade algumas vezes eu sinto. Quando vou a uma loja fazer compras, pedir alguma informação e eu sei que vou gaguejar, falo mais baixo, mais devagar, com mais calma. Vergonha, um pouquinho. Eu só não queria ser gago. Eu não gosto de ser gago.

22) Você lembra de alguma palavra que seja impossível dizê-la?

R.: Impossível dizê-la para mim, não existe. Eu consigo falar qualquer palavra, mesmo que tente duas vezes gaguejando, na terceira vou falar corretamente.

23) Você costuma substituir as palavras que gagueja por outras?

R.: Claro, apesar de não ter usado ainda nesta entrevista. Eu, às vezes, quando falo de mim mesmo para as outras pessoas, não digo que gaguejo, digo que sou disfêmico, pois é uma palavra que falo com melhor fluência.

24) Você sente algum tipo de preconceito no trabalho, com amigos?

R.: Não. Nunca senti. Eu sempre fui bem relacionado no colégio, na faculdade, no trabalho, acho que é porque sou muito comunicativo, apesar da gagueira.

25) Você acha que a sua maneira de falar é um tipo de barreira social?

R.: Olha só, pensando em mim, no meu tipo de gagueira, acho que ela pode ser considerada como uma barreira social, apesar de eu até agora não sentir tanto comigo.

26) Você acha que ela impede uma ascensão profissional, um convívio social normal?

R.: Depende do tipo de gagueira e de como a pessoa se relaciona com ela. Eu, por exemplo não sinto. No aspecto profissional, pode ser que eu venha a sentir, mas até agora nunca senti este tipo de discriminação. Até porque, eu trabalho com vendas e uso muito o telefone, falando com muitas pessoas, todos os dias, de várias partes do Brasil. E nunca ninguém reclamou, pelo contrário sempre fui elogiado.

O convívio social, para mim, não atrapalha. O que atrapalha é o próprio gago ter vergonha de ser gago. Como disse, não gosto de ser gago mas não tenho vergonha de ser gago.

27) Quando você se sente melhor falando, menos preso de tensão?

R.: Quando eu estou perto de amigos (familiares ou não), qualquer situação que seja, eu falo sem me preocupar com a minha gagueira.

28) Você acha que a sua maneira de falar é um sofrimento na sua vida?

R.: Não. Não acho não. Sofrimento é muito pesado. Eu me relaciono bem com a minha gagueira, mas seria melhor se eu não fosse gago. Mas sofrimento não, de forma alguma.

29) Como era na escola?

R.: Eu nunca tive problemas por ser gago. Eu era do coral, do handball, sempre fui da turma bagunceira do colégio e nunca me senti discriminado pelos meus colegas.

30) Você procuraria um novo tratamento terapêutico hoje?

R.: Sim. O mundo dá muitas voltas e a gente sabe que a gagueira é uma barreira. Se tivesse algum tratamento novo, que eu deixasse de ser gago, eu faria.

31) Você gostaria de falar algo para finalizar?

R.: Como já disse diversas vezes, eu não gostaria de ser gago, mas sou. Então, eu tento lidar com a gagueira da melhor maneira possível. Eu sei que sou, que tenho essa dificuldade na fala, mas eu tento achar nisso uma coisa positiva para a minha vida.

O fato de eu ser gago me esforça, em determinados momentos, lutar contra a minha gagueira. As pessoas até acham engraçado eu ser gago e não ligar tanto assim. Eu não ligo muito se sou gago ou não, só eu luto para não gaguejar.

Acho que isso tudo é uma barreira, que eu mesmo tenho ou que é imposta pela sociedade. Mas eu sempre procuro ser eu, falando normalmente, como um gago.

ENTREVISTA II

ENTREVISTADO: Paulo Guimarães
IDADE: 26 anos
PROFISSÃO: -
GRAU DE INSTRUÇÃO: 2o. grau completo
OCUPAÇÃO ATUAL: Vendedor
ESTADO CIVIL: Solteiro

1) Quais as palavras que você tem maior dificuldade de falar?

R.: Geralmente as que começam com /b/, /p/, assim, as mais explosivas.

2) Como, explosivas?

R.: Porta, barco. Alguma coisa assim, logo no começo da frase. No meio, às vezes elas passam despercebidas.

3) Em que situações a sua dificuldade na fala se apresenta com maior frequência?

R.: Quando estou nervoso. Quando quero contar alguma coisa nova, rápida. Ai geralmente fico mais excitado, nervoso, e tenho um bloqueio.

4) Quando você vai comprar alguma coisa, pagar uma entrada no cinema, como você se comporta?

R.: Depende. Se eu estiver nervoso eu já sei que vou gaguejar, se não, falo normalmente.

5) Você já fez algum tratamento terapêutico devida a esta dificuldade da fala?

R.: Já fiz.

6) Fale um pouco sobre os tratamentos que fez.

R.: Fiz um quando tinha mais ou menos 15 anos, com uma fonoaudióloga, mas não foi nada interessante. Não gostei, fiz um mês e saí. Há pouco tempo comecei um outro tratamento, com uma outra fonoaudióloga, que está sendo bom, estou tendo uma certa melhora. No começo ela se voltou para a parte de coordenação de fundo respiratório, como falar mais calmo, pausadamente e respirar com a barriga. Até fiz um curso de oficina da voz na Faculdade Estácio de Sá, mas agora ela está me jogando mais para o lado de uma psicóloga. Ela diz que o meu problema só eu que vou curá-lo. Ela só vai me ajudar a achar a cura. Para mim isso vai ser um grande desafio.

7) Como são essas seções?

R.: Ela me dá uns conselhos para eu me conhecer melhor e saber as coisas dos meus problemas, das minhas tensões, e também realiza exercícios de fala.

8) Como são esses exercícios de fala?

R.: Ela diz e me explica alguns exercícios para que eu coordene melhor a respiração.

9) O que significa para você ser gago?

R.: É uma coisa muito chata, mas que eu mal ou bem já venho há 20 anos assim. Me soa como algo familiar.

10) Quando começou a sua dificuldade na fala?

R.: Foi lá pelos 6 anos. Eu me lembro que havia períodos em que eu falava normal e períodos que eu gaguejava. Eu não sei quanto durava esses períodos, até que veio esse período ruim que nunca mais foi embora. Eu acho que foi o começo da gagueira.

11) Tinha algo que determinava esses períodos?

R.: Não. Mas acho que coincidiu com a minha entrada na escola.

12) No primário ou na pré-escola?

R.: No CA. eu acho. Eu não queria ir para a escola. Quanto ao início da gagueira eu não consigo me lembrar.

13) Como era o comportamento de seus familiares no começo da sua gagueira?

R.: Não me lembro.

14) Você se utiliza de alguma forma para se livrar da gagueira?

R.: Não sei como me livrar dela!

15) Quando você sente que vai gaguejar você usa algum subterfúgio para não gaguejar?

R.: Ah! Eu uso. Eu tenho associados a gagueira alguns movimentos que talvez, seja uma fuga.

16) Que movimentos?

R.: O de piscar os olhos, balançar a cabeça e as vezes a perna. Eu agora estou tentando suavizar estes movimentos, pois a minha fonoaudióloga está me orientando para tentar suavizar ao máximo, mas as vezes eu não consigo.

17) Tem algum tipo de situação na qual você não gagueje?

R.: Quando estou calmo, tranqüilo, quando não estou excitado para falar.

18) Você acha que a gagueira de uma pessoa é diferente da gagueira de outra?

R.: Acho que sim. Eu conheço algumas pessoas que também são gagas e elas gaguejam diferente de mim. Um repete sílabas, outras prolongam sílabas, outras não falam, outras travam as palavras, como é o meu problema.

19) Na sua infância houve algum fato que o marcou profundamente?

R.: Acho que não. O que eu lembro é que eu odiava ir para a escola e ia obrigado pela minha mãe, que falava que se eu não fosse para a escola a polícia viria me prender.

20) O que você sente quando gagueja?

R.: É uma coisa muito chata. Eu sempre fico pensando que podia ter falado direito, sem gaguejar. Às vezes quando eu gaguejo muito, fico cansado como se uma coisa ficasse bloqueando a fala e a respiração. É chato e eu não gosto de ser gago.

21) Existe alguma palavra que você lembra que seja impossível dizê-la?

R.: Não, acho que não. Não lembro.

22) Você sente alguma discriminação das pessoas quando gagueja?

R.: Não. Elas ficam olhando meio assustadas mas não chega a ser uma discriminação.

23) Quando você sente que vai gaguejar, tenta substituir esta palavra por outra?

R.: Não.

24) Mesmo sabendo que vai gaguejar?

R.: Sim.

25) Você sente algum preconceito no trabalho, na família?

R.: Não.

26) Você acha que a sua maneira de falar é uma barreira social?

R.: É lógico que a gagueira me impede de fazer certas coisas, e até de conseguir certos empregos. Acho que nas entrevistas para trabalho a minha gagueira foi um fator para eu ser desqualificado.

27) Você acha que a sua maneira de falar é um sofrimento na sua vida?

R.: Pode ser considerada mais ou menos isso. Se bem que a palavra "sofrimento" é muito forte, mas ser gago é uma coisa muito chata.

28) Como foram seus primeiros anos de vida na escola?

R.: Eu não me lembro bem, mas acho que foram normais.

29) Quando você se sente melhor falando, menos preso de tensão?

R.: Eu me sinto melhor com os amigos. Eles não me criticam e nem me olham com ar de reprovação. É bem mais confortável.

30) Como a sua família encara a sua gagueira?

R.: Há uma cobrança maior, pois eles falam: Paulo, fale direito, mais devagar, respire. Isto é muito chato, mas é importante para mim.

31) Como você lida com a sua gagueira?

R.: Ela é muito chata mas eu já me acostumei com ela.

32) Quais as situações que você evita por causa da sua maneira de falar?

R.: Eu evito falar em público, com pessoas desconhecidas, isto porque eu não gosto muito que as pessoas saibam que eu gaguejo. Eu ainda não trabalhei isto dentro de mim, mas quando não tenho outra opção, eu falo.